

Samantha Silvany

VERDADES
DIFÍCEIS
de ENGOLIR



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Samantha Silvany, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.

Preparação: Departamento editorial da Editora Planeta do Brasil
Revisão: Vanessa Almeida e Diego Franco Gonçalves
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Túlio Cerquize

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silvany, Samantha
Verdades difíceis de engolir: um romance / Samantha Silvany. -- São
Paulo: Planeta, 2020.
256 p.

ISBN 978-65-5535-172-9

1. Ficção brasileira I. Título

20-3216

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

2020

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO I

“

As pessoas que mais amamos são as que mais nos influenciam a mudar. A gente aprende, então, que é impossível se apaixonar e se reconhecer.”

@samanthasilvany

“

Quem pode me explicar a conexão que acontece quando dois corpos que nunca haviam se cruzado se reconhecem no toque?”

ELE

Certas coisas acontecem em nossa vida para causar uma metamorfose em nossas convicções. A gente tem mania de achar que só existe uma forma certa de se relacionar. O problema é que não há um manual ou uma fórmula secreta para ter um relacionamento saudável e duradouro, porque no meio desse processo imprevistos acontecem. As pessoas mudam e, às vezes, não é de propósito. As pessoas que mais amamos são as que mais nos influenciam a mudar. A gente aprende, então, que é impossível se apaixonar e se reconhecer. A gente muda porque, no fundo, sempre quisemos essa transformação, mas nos faltava coragem, nos faltava exatamente alguém para nos dar aquele empurrãozinho.

Se alguém me dissesse há um ano que eu faria uma viagem a Málaga, mais precisamente à praia de Guadalmar, conhecida por ser frequentada por naturistas, para passar um fim de semana inteiro levando apenas o indispensável em uma mochila de *camping*, eu diria que as chances disso acontecer seriam abaixo

de zero. Principalmente sem a Alicia. Até porque ela nunca toparia uma viagem dessas, verdade seja dita. Eu conheço a peça.

Pra começar, ela não é uma pessoa muito aventureira. Quero dizer, ela adora a natureza, mas desde que seja vista pela janela do seu quarto de hotel cinco estrelas. Fazer trilha, acampar e frequentar uma praia de nudismo não são suas paixões como são para mim. Ela reclamaria do tamanho do bangalô, que só cabe uma cama de casal pequena ao lado de uma estreita cômoda e uma arara de roupas sem ventilador, que dirá ar-condicionado. O bangalô, apesar de simples, é bastante aconchegante para dormir, o que o torna perfeito para mim, afinal, por que eu precisaria de mais do que isso se pretendo passar o dia inteiro na praia? Depois, ela ficaria furiosa ao descobrir que o banheiro é compartilhado entre os três outros bangalôs que ficam no lado poente do *camping*, e se isso não fosse o bastante para que ela desse um escândalo, a falta de Wi-Fi — que só funciona na zona do restaurante, nos tornando refém do 4G — seria definitivamente a gota-d'água.

Porém, sem dúvidas, o que a faria bater o pé para ir embora no primeiro dia seria a suspeita de que eu tinha segundas intenções ao escolher, dentre todas as praias da Espanha, justamente aquela em que é obrigatório ficar nu. Mulheres nuas indo e vindo casualmente em nossa direção. Isso a deixaria louca. Ela não teria paz ao vigiar atentamente cada um dos meus passos, olhares e gestos para as outras pessoas e não me daria paz ao se sentir insegura. Às vezes, eu finjo que não percebo para ver se assim tenho mais sossego.

Com o tempo, fui aprendendo a lidar com esse jeito dela: por fora, o salto alto, o nariz empinado e a coluna ereta — graças às aulas de balé desde o jardim de infância — lhe dão um ar empoderado; parece uma mulher segura de si, que sabe o que quer e, às vezes, é até um tanto quanto presunçosa, mas por dentro é uma manteiga derretida, gosta de demonstrar afeto em público,

é carente de atenção (especialmente se for por mensagem, ela reclama o tempo inteiro que eu demoro a responder) e adora ser presenteada com grandes gestos românticos em aniversários de namoro. Jesus, isso já me deu tanta dor de cabeça!

Certa vez, ela viu na internet uma homenagem que um cara fez à namorada através de um *flash mob*¹ e passou uma semana inteira me lançando indiretas para a nossa comemoração de cinco anos de namoro. Para não criar falsas expectativas, eu peguei as suas mãos, olhei dentro dos seus olhos e lhe disse com a voz mais doce que consegui:

— Meu amor, onde eu vou arranjar dez pessoas para dançarem na rua comigo? Onde eu vou arranjar tempo para ensaiar? Além do que, você sabe melhor do que ninguém que eu sou um péssimo dançarino! Isso é coisa de adolescente que tem tempo sobrando...

Ela torceu a cara, fez beicinho, devia estar pensando a todo vapor em como replicar minhas perguntas, mas, por fim, se deu por vencida, soltou o ar de seus pulmões e concordou.

Francamente, qualquer dia desses a internet vai acabar com meu relacionamento. Como se não bastasse todas as dificuldades da convivência, ainda por cima temos que lidar com essa competição de “quem é mais feliz” à qual todo e qualquer casal que expõe sua vida, querendo ou não, se submete. Saudades do tempo em que rosas e chocolates eram o suficiente para lhe arrancar um sorriso. Hoje em dia eu precisaria de uma floricultura inteira aos seus pés e uma torre de chocolate dos Alpes suíços, no mínimo.

Antigamente, o principal inimigo dos homens era o Príncipe Encantado. Fato. Embora muitos homens não ad-

1. *Flash mob* é um grupo de no mínimo dez pessoas que se reúnem repentina e inesperadamente em ambientes públicos para realizar uma apresentação atípica, por um curto período de tempo, e rapidamente se dispersam como se nada tivesse acontecido.

mitam essa rivalidade porque, no fundo, sabem que não são páreos. O Príncipe Encantado que muitas mulheres fantasiam encontrar é a escória da sociedade! Pra início de conversa, o tal do príncipe é um sujeito que enfrenta um dragão e arrisca sua própria vida para resgatar a princesa ~~que ele nunca viu antes, diga-se de passagem,~~ e levá-la para o seu castelo. Ah, e ele faz tudo isso montado em um cavalo branco. Em. Um. Maldito. Cavalo. Branco.

Aí tem gente que pensa: *ah, mas na vida real é diferente!*, afinal, não é. Primeiro, elas esperam encontrar um cara que esteja disposto a passar por cima de tudo e todos sem medir esforços ~~apenas~~ para conquistá-las, mesmo sem conhecê-las muito bem. Segundo, elas esperam que esse cara seja capaz de salvá-las de suas próprias vidas tediosas e, por último, mas não menos importante, elas esperam que ele siga o roteiro: ficar, namorar, casar e ter filhos. Porque mais importante do que viver o momento presente com a pessoa é saber quando irão dar o próximo passo.

Um amigo meu, Mateus, passou por isso recentemente. Ele começou a ficar com uma garota e estava até curtindo se envolver, pelo que conversamos, mas isso não era motivo suficiente para que ele ficasse somente com ela. Eles não tinham compromisso, eles não tinham exclusividade, nunca haviam conversado sobre suas intenções. Mesmo assim, a garota descobriu que ele ficou com outra, foi tirar satisfação, deu um show de alta performance e o bloqueou em todas as redes sociais. A pergunta que não quer calar é: por que ela achou que ele devia alguma coisa a ela? ~~Do nada.~~

Mateus me disse que as palavras dela foram: “Você não teve consideração por mim! Eu estava ficando só com você enquanto você estava pegando todas! É um cafajeste como todos os outros!”. Francamente, como ele poderia adivinhar que ela ficaria tão chateada se eles nunca haviam conversado sobre

isso? Digo mais: como ele poderia saber que ela estava ficando somente com ele? E, por fim, não é porque ela decidiu por livre e espontânea vontade que ficaria só com ele que isso lhe daria o direito de exigir dele o mesmo. Ela simplesmente espelhou as suas próprias expectativas sobre a relação nele! O pior de tudo é que Mateus era um cara legal com ela, de verdade. Ele a tratava bem, a respeitava, era gentil e educado. ~~Talvez por isso ela o tenha confundido com o maldito príncipe.~~ No fim das contas, até isso foi usado contra ele. Ela lhe disse que eles nunca tinham conversado sobre ter um relacionamento sério, mas as atitudes dele diziam o contrário. Como assim “diziam o contrário”? O que ela queria, afinal, que ele a tratasse mal apenas porque não queria um compromisso?

Vamos pensar um pouco sobre as alternativas:

- ✦ Tratar uma mulher como lixo para que ela saiba que você não quer nada sério e/ou que você não está só com ela.
- ✦ Tratar uma mulher bem, mas ser visto como lixo por não querer nada sério com ela.
- ✦ Iniciar a relação dizendo logo de cara suas intenções e correr o risco de deixar de conhecer – ou até mesmo se envolver – com uma mulher legal porque ela consideraria isso uma ofensa ao seu valor.

Acontece que, a partir do momento em que o cara é totalmente honesto com uma mulher sobre as suas intenções quanto a ter um relacionamento sério ou não, se ele não suprir as expectativas que ela criou sobre ele, ela vai rotulá-lo como cafajeste, sem sequer ter a chance de conhecê-lo de verdade. Às vezes, o cara realmente não está buscando um compromisso, mas conhece uma pessoa envolvente e passa a desejar um relacionamento com ela, entende? Como ele pode saber se ela é a pessoa certa sem antes tentar? Agora imagina se ele diz a ela abertamente que não está buscando um relacionamento, mas que pode acontecer porque, ~~afinal, ele não consegue pre-~~

ver o futuro, sabe no que resultará? Ela vai dizer por aí que o rapaz a iludiu, caso ele não queira ter um relacionamento com ela. As mulheres falam que querem sinceridade, mas vivem em um mundo de fantasias. Elas não querem lidar com o que está acontecendo e preferem imaginar o que gostariam que acontecesse. Coitado do Mateus. Foi mais uma vítima do legado vitorioso do Príncipe Encantado.

Mas, calma, porque eu ainda não acabei. Trazendo para a realidade, além de o cara ter que mover mundos e fundos pra conquistar a princesa, ele tem que lhe oferecer um castelo. “Ah, mas isso todo mundo sabe que não é possível”. Ah, é? Se isso é tão óbvio, por que há tanta pressão para casar depois de um certo tempo de namoro ou depois de uma certa idade (eu considero isso ainda pior)? Como diz o ditado: quem casa, quer casa. Como um jovem adulto que ainda não alcançou a estabilidade financeira vai ter condições de sustentar uma casa? E outra, francamente, por que um jovem adulto que mal tem dinheiro para pagar a fatura do cartão sem entrar no cheque especial e vive na casa dos pais, onde tem um teto, comida na geladeira e roupas lavadas, vai colocar a corda no pescoço para ter sua própria casa? Dito isso, com 20 e poucos anos, a não ser que você tenha nascido em berço de ouro e receba uma mesada generosa dos seus pais, ou que seja um gênio e crie um aplicativo que o torne milionário, você não vai poder oferecer um castelo à princesa. Mesmo que vocês dividam as contas. No máximo vão conseguir manter uma quitinete. Portanto, para essa história de Príncipe Encantado ser mais crível, ele teria que ter quarenta anos, e não vinte. A questão é que, casando ou não com a princesa, os reles plebeus caras têm que construir um castelo para serem bem-vistos pela sociedade, para “serem alguém na vida” e para se tornarem um almejado bom partido. Tenho conhecimento de causa para afirmar sem medo.

Hoje em dia, finalmente ~~e~~ infelizmente o Príncipe Encantado encontrou um adversário à altura: a internet. Então, graças às dezenas de adolescentes que não têm o que fazer e as pessoas que passam o dia inteiro comparando suas vidas com as de outras pessoas no Instagram, as expectativas de romance estão cada vez mais altas! Eu sei porque eu já fui um desses adolescentes, embora no meu tempo o máximo que podíamos fazer era contratar um carro de “Loucura de amor” para surpreender a namorada na porta do colégio, com direito a balões de gás hélio e a música tema da novela das nove, mas, para o meu alívio, Alicia achava isso cafona. Foi só depois dessa Era Virtual que a pressão por surpreendê-la aumentou. Porém, o que ela não leva em conta é que já não somos mais adolescentes e, francamente, depois de tanto tempo juntos a minha criatividade também já se esgotou. Às vezes eu tenho a impressão de que ela está só esperando que eu cometa algum deslize. Eu não sei se ela age assim por me amar demais ou por já não me amar nem um pouco.

Então, não, eu não estou me sentindo culpado por ter dito a Alicia que teria um seminário de escrita criativa em Madri neste fim de semana para ter um pouco de paz, poder me distrair e espairecer. Ela sabe que eu tenho tido dificuldades de escrever, estou em uma fase de bloqueio criativo. O prazo para entregar o manuscrito do meu próximo livro está acabando e meu editor está me pressionando por mais um capítulo até a próxima semana. Se eu dissesse a ela meu verdadeiro destino para buscar inspiração, ela faria de tudo para me convencer do contrário, então eu menti pelo bem da arte, pela minha carreira e pelo nosso futuro.

Alicia sempre foi minha melhor amiga. Já não me lembro do tempo em que escondi algo dela, ainda mais com esse peso. Ela sempre foi a primeira pessoa para quem eu contava tudo que acontecia em minha vida, da separação dos meus

país à minha mudança de carreira; eu fazia engenharia quando descobri que queria ser escritor. Nas aulas de cálculo em que eu não conseguia me concentrar, eu escrevia poemas em meu caderno. Ao fim do meu primeiro semestre percebi que havia mais poesias do que equações escritas e decidi abandonar a faculdade para perseguir minha paixão. Alicia esteve ao meu lado durante todo esse processo, apesar de suas severas críticas a respeito da minha escolha. Ela acreditava que ser escritor era um hobby e não uma profissão. Portanto, ainda que eu a ame muito, há certas coisas que ela não entende. Como o fato de que eu gosto de ter minha liberdade e fazer certas coisas sozinho, e isso não significa que eu não gosto de estar ao lado dela. O fato de que às vezes eu fico introspectivo porque estou com a cabeça a mil, e não porque estou chateado com ela, e o fato de eu me sentir atraído por outras mulheres também não quer dizer que eu não goste mais dela.

Francamente, em um mundo onde existem sete bilhões de pessoas, acreditar que uma, apenas uma pessoa, será atraente para você pelo resto da vida é o mesmo que esperar pelo Príncipe no seu cavalo branco. Na vida real existe tentação, tesão e química. Quem pode me explicar a conexão que acontece quando dois corpos que nunca haviam se cruzado se reconhecem no toque? Quem pode me dizer como ignorar essa conexão? Todo mundo julga saber qual é o caminho certo, e eu bem queria que fosse simples como parece, mas ninguém alerta sobre os desvios.

Eu não planejei nada disso. Não deveria ter passado de uma noite. Em minha defesa, Alicia e eu estávamos brigados. Aliás, tínhamos dado um tempo com gostinho de término. Aquele tempo que a gente pede pra disfarçar que a relação acabou, mas a gente não quer admitir porque tem medo de se arrepender depois. Aquele tempo em que a gente tenta se acostumar com a ausência do outro para testar a própria força.

Aquele tempo bastante conhecido para quem tem um relacionamento muito longo e precisa de uma bufada de ar fresco. Aquele tempo em que a gente acredita que vai ser capaz de curar todas as feridas e nos ajudar a recomeçar do zero. E foi ela quem pediu, por incrível que pareça. Ela saiu da minha casa às quatro horas da manhã, batendo a porta atrás de si e berrando que não queria mais me ver, alto o bastante para que eu e toda vizinhança pudesse ouvir, enquanto descia a escada do meu prédio.

Pra ser honesto, eu nem lembro o que foi que desencadeou essa discussão. Mas eu lembro que naquele dia me sentia cansado demais para revidar, frustrado por nunca ser bom o bastante; eu me sentia derrotado. Se eu não me esforçasse, eu ficaria calado, mas eu fazia tudo por ela. Tudo. Eu tentava ser o maldito Príncipe que ela queria desde os meus dezoito anos. Mas tudo tem limite, francamente. Ainda mais quando a pessoa está sempre te cobrando mais, mais e mais. Por isso, eu deixei que ela fosse embora. Não disse uma palavra, não fui atrás. Para mim, no momento em que ela saiu pela porta, o tempo entre nós havia começado.

Nunca acreditei em destino, mas, por coincidência ou ironia, foi justamente por causa dessa briga que eu decidi ir a uma festa com o Mateus no dia seguinte; embora eu não seja um grande fã da vida noturna ~~porque me considero velho pra isso~~, eu precisava de novos ares, então resolvi sair e curtir como antigamente. E foi justamente por causa dessa balada, que tinha dois ambientes, sendo um deles uma boate e o outro um restaurante, que eu conheci *ela* na fila da lista de espera por uma mesa.

Eu tinha acabado de receber da recepcionista o número para a chamada da lista de espera, Mateus ainda não havia chegado e eu estava prestes a desistir dessa noite, voltar pra casa, colocar meu bom e velho moletom e, para cumprir a minha

rotina da fossa, assistir pela milésima vez *Pulp Fiction* tomando uma “breja”, quando *ela* chegou falando alto atrás de mim. Olhei para ela com a intenção de recriminá-la por estar praticamente gritando em público, mas fiquei boquiaberto. Ela me chamou atenção na hora. Ela falava ao telefone enquanto seu olhar procurava alguém que já estava dentro do restaurante.

— Oi, com licença, boa noite. — Ela passou na minha frente como se não me visse e se dirigiu à recepcionista. — Minha amiga tem uma mesa, ela está me esperando.

Na hora eu a achei bem abusada, mas algo dentro de mim estava mais interessado no fato de que ela estava ali com uma amiga, e não com um namorado. Isso foi um sinal.

— Como se chama sua amiga? — perguntou a recepcionista enquanto verificava a lista.

— Vanessa...

— Com licença — eu pedi a ela —, você passou na minha frente. Eu estou na fila.

Fui bem frio de propósito, porque a achei muito folgadinha. Ela me disse com firmeza, sustentando meu olhar de volta:

— Mas eu já tenho uma mesa.

— Desculpe, não encontrei ninguém com esse nome — falou a recepcionista.

— Pelo visto não tem. E eu cheguei primeiro — comentei a ela, que continuava ao meu lado na fila.

— Tem certeza? — Ela me ignora e fala com a recepcionista. — Você pode olhar mais uma vez, por favor? Eu falei com ela agora a pouco, sei que ela está aí...

— Você pode ligar para que ela venha te buscar aqui fora? — disse a moça.

— Meu celular acabou de descarregar! Eu não posso entrar pra procurá-la? — ela perguntou à recepcionista.

Eu ri da situação e disse a ela por cima dos ombros:

— Ninguém mais cai nesse golpe.

Ela virou para mim furiosa e falou:

— Isso é da sua conta, por acaso?

— Vejamos... — eu disse, me divertindo em tirá-la do sério —, se você furou a minha frente na fila, isso passa a ser da minha conta, sim.

— Eu não furei a fila. Eu já tenho mesa — ela disse cada palavra pausadamente.

— E onde está a sua mesa que eu não vejo? É aqui? Você vai colocar uma mesa na fila?

Ela continuava me encarando, visivelmente irritada, e eu preendi o riso para não me entregar.

— Desculpe, senhorita. Eu não posso permitir a sua entrada sem que alguém venha te liberar, mas você pode colocar o nome na lista de espera e aguardar cerca de vinte minutos até termos mesas disponíveis — disse a recepcionista após notar o clima entre nós.

— Não, minha amiga está aí. Eu só preciso dar um jeito de falar com ela... — Ela se virou para mim de súbito e falou.

— Você. Pode me emprestar seu celular para eu fazer uma ligação? É rapidinho.

Que garota mais abusada era essa? Ainda me desafiando? Eu queria ver até onde ela iria, então eu disse:

— Não. — E ela arregalou os olhos. — Eu sou o próximo da lista, se você quiser pode entrar comigo e procurar sua amiga.

Então ela baixou a guarda e sorriu, e eu só consegui pensar: *Cara, que sorriso é esse?* Nós entramos, eu imediatamente pedi dois drinks ao garçom e convidei-a para tomar comigo. Primeiro ela recusou, então eu tive que apelar e usar o argumento do “se não fosse por mim, você ainda estaria lá fora”, e ela acabou cedendo para não ser ingrata.

Os dois drinks se tornaram quatro, que se tornaram seis. A conversa entre nós engatou a ponto de nos esquecermos por completo de nossos amigos. De repente, me dei conta de que

Mateus estaria a minha procura e lhe enviei uma mensagem dizendo que não se preocupasse comigo porque a minha noite estava melhor do que eu esperava. Ofereci, enfim, meu celular para que ela falasse com sua amiga, mas a garota estava na boate do outro lado e ela, para minha alegria, preferiu ficar comigo. Se tivéssemos combinado de nos encontrar, não teria sido tão bom. Sem aquela expectativa de primeiro encontro, sem a interferência de ninguém e sem que nada naquela noite fosse planejado, o papo fluiu de tal maneira que só me dei conta de que éramos os últimos a sair do restaurante quando a recepcionista gentilmente nos trouxe a conta e avisou que iriam fechar.

Não deveria ter passado de uma noite, mas imprevistos acontecem. Se alguém me dissesse há um ano que eu faria uma viagem a Málaga com a garota com quem passei uma noite agradável e desprestenciosa naquele restaurante, eu diria que as chances de isso acontecer seriam abaixo de zero. Principalmente porque vou me casar em três meses.

CAPÍTULO II

“

O amor não é capaz de nos ferir. Mas uma pessoa que não sabe amar, sim. É essa pessoa que não vale a pena. O amor só nos faz o bem.”

@samanthasilvany

“

Quando se cria expectativas sobre uma pessoa, é um problema seu, uma responsabilidade sua. O outro não tem que cumprir o que você idealizou para que você não se sinta frustrado.”

OU
TRO

ELA

Já imaginou o que é passar a vida inteira com a mesma pessoa? Dormir e acordar com a mesma pessoa. Todos os dias. Viver as suas piores e as melhores fases. Por toda sua vida. Sempre com a mesma companhia. Como se ela fosse parte de você. Como se ela te conhecesse melhor do que você mesmo. Como se ela, muitas vezes, fosse você. Como se, sem ela, você não soubesse quem é. Sério. Provavelmente viver assim seja a realização do sonho de qualquer pessoa: encontrar sua alma gêmea e viverem felizes para sempre. É o que parece, afinal, foi o que os filmes, as novelas, as músicas e até mesmo as propagandas de margarina exibidas na TV nos ensinaram: a gente precisa ter alguém. Só assim seremos felizes.

Infelizmente, eu não tive a sorte de conhecer a minha alma gêmea na adolescência. Na verdade, eu tinha um medo

danado de me apaixonar. O que eu mais ouvia sobre o amor eram afirmações que me afastavam de sua essência. Do exemplo que eu tinha em casa com meus pais, que deixaram de se amar, mas não se deixavam, às minhas amigas que muito amavam, mas sempre eram deixadas: o amor me parecia algo doloroso, como uma despedida. Ou uma loucura completa. Ou os dois. A paixão, para mim, era uma cegueira temporária em que a pessoa era incapaz de enxergar o óbvio, mesmo que fosse esfregado na sua cara.

Por tudo isso, eu só tive meu primeiro namorado quando entrei na faculdade de Jornalismo, porque eu pensava saber exatamente o que eu queria, eu acreditava ter maturidade para isso. Fiz tudo conforme mandava o figurino, afinal, eu havia me preparado para este momento da mesma forma que estudei para passar no vestibular. Eu só precisava me pôr à prova e praticar a teoria. Tentei ser a namorada perfeita e interpretei tão bem meu papel que eu realmente acreditei que gostava dele. Mas depois eu percebi que, na verdade, eu gostava da ideia de ter um namorado.

Pra ser sincera, sinto que me relacionei sozinha. Ou, sei lá, me contentei com uma fantasia pra não encarar a realidade. Ou os dois. Sempre fui boa nisso, sabe? Não com romance, mas em imaginar coisas. No quesito amor, passei me arrastando a vida inteira. Em várias tentativas de parecer amorosa e dedicada, soava desesperada e carente a maior parte do tempo. Honestamente, eu ignorei os sinais, hoje eu sei disso. Meu ex-namorado não se mostrava tão interessado em mim, mas não tinha nada a perder comigo. Demorei um tempão para perceber a diferença: quem gosta, prioriza. Ele não terminava comigo porque era conveniente, e eu, boba, pensava que era porque tivesse sentimento por mim. Eu evitava a todo custo me questionar se a relação que tínhamos me bastava para não quebrar o encanto. Meu próprio encanto.

Mesmo depois que terminamos, não paramos de nos ver. “Nunca acaba quando termina. Enquanto não aparecer alguém interessante, ele é a minha melhor opção”, eu dizia pra mim mesma e, por isso, continuava insistindo. No fundo, eu tinha esperança de que ele mudaria, que ele se apaixonaria perdidamente por mim e descobriria que eu era a mulher da sua vida. Sério. O pior veneno é a mentira que contamos a nós mesmas, e são as pequenas doses (que parecem que não vão dar em nada) que se fazem mais letais. Eu apenas aceitava as migalhas de afeto que ele me oferecia e dava a isso o nome de amor. Doeu muito mais me desapegar do que eu queria que acontecesse do que daquilo que realmente aconteceu, sem dúvidas. Se eu tivesse lidado com a relação que tínhamos (ou com a falta de relação), e não com a relação que eu gostaria de ter, teria me poupado um bocadinho.

Eu perdi bastante tempo presa nessa história, porque me aterrorizava a ideia de passar por tudo de novo com outras pessoas, até sabe lá Deus quando encontrar alguém feito pra mim. Então eu dava murro em ponta de faca: ficava superdecepcionada com ele por não agir como eu esperava que meu namorado deveria agir. Mas não dá pra cobrar reciprocidade de ninguém. Quando se cria expectativas sobre uma pessoa, é um problema seu, uma responsabilidade sua. O outro não tem que cumprir o que você idealizou para que você não se sinta frustrado. Foi o que eu aprendi.

O amor é muito maior do que eu pensava. Se eu soubesse disso naquela época, talvez eu nem tivesse me arriscado nessa busca. Mas esse é o tipo de lição que a gente tem que aprender por conta própria. Não adianta alguém nos descrever como é a sensação de ver a pessoa amada e ficar com as pernas bambas, com o coração acelerado e as mãos suando frio. O clichê todo mundo sabe, mas a gente precisa sentir na pele para entender. Porque o que o amor faz conosco é transformador. É um divi-

sor de águas em nossa vida. É um bombardeio de emoções que a gente nem sabe que tem. Ninguém explica isso. O amor não é capaz de nos ferir, mas uma pessoa que não sabe amar, sim. É essa pessoa que não vale a pena. O amor só nos faz o bem. Agora eu sei disso. Não falta amor nas pessoas, falta maturidade para se relacionar.

Apesar de começar com o pé esquerdo a desbravar o caminho dos relacionamentos, isso não me fez perder a esperança de encontrar o amor da minha vida. Quero dizer, talvez só um pouquinho. Eu decidi que só iria namorar de novo se fosse pra valer, e namoraria alguém que eu tivesse certeza de ser certo pra mim, por isso tive várias relações, mas nenhum relacionamento de verdade, sabe?

Já me machucaram muito; sempre que dei a cara à tapa alguém bateu com toda a força, mas sei que se fosse eu a bater, doeria muito mais. Eu prefiro ter paz, mas não gosto de ficar sozinha. Esse é o problema. Eu gosto de ter alguém pra pensar, pra falar sobre com minhas amigas, pra me fazer companhia no domingo à tarde. O difícil é encontrar alguém que queira o mesmo que eu. A maioria dos caras da minha idade (pra não dizer todos) não tem maturidade para se comprometer, eles se importam mais com quantidade do que com qualidade. Eles são capazes de perder a mulher de suas vidas por uma aventura de uma noite. Não é à toa o que dizem sobre os homens demorarem mais do que as mulheres pra amadurecer. É real.

Imagino que seja por isso que eu não consiga tirar *ele* da cabeça. Eu nunca senti nada igual. Nenhum cara jamais me tratou como ele me trata. Com ele, eu me sinto uma verdadeira princesa. Ele me endeusa como ninguém fez. Eu sinto que ele valoriza cada momento comigo como se fosse o último.

Desde que voltamos de Málaga há uma semana, eu estou vivendo em uma realidade paralela. Sério. Não consigo me con-

centrar em nada. A qualquer momento, Miranda irá me cobrar o texto de duas mil palavras para minha coluna dessa semana em sua mesa, e até agora eu só escrevi o título: *Crise dos vinte e poucos anos, como lidar?* Apesar de ser um assunto que eu domino, me parece muito mais interessante pesquisar a compatibilidade astrológica de nossos signos: ele é Leão e eu sou Câncer. Uma combinação cheia de controvérsias. O leonino é regido pelo Sol, gosta de ser o centro das atenções, é seguro de si e pode ser excessivamente egocêntrico, o que pode acabar me magoando, como uma sensível canceriana. Câncer é regido pela Lua, o que quer dizer que tem o humor bem instável (sei bem disso), se entrega demais quando ama, mas também se ressentido na mesma medida se não for correspondido como espera. Ou seja, a atração entre nós é forte e inegável (eu nem precisaria ver o signo para saber disso), mas também há muitas diferenças que podem tornar a relação desafiadora. Por enquanto estamos a salvo. Ele está encantado com a delicadeza da canceriana e eu estou derretida pelo jeito protetor do leonino.

Olho para o relógio e vejo que já passou meia hora, e eu ainda não escrevi nem um parágrafo do meu artigo. Não importa o que eu faça, minha cabeça sempre dá um jeito de trazê-lo à tona novamente, e eu me perco completamente no *Fantástico Mundo de Sofia*. Foi tudo tão perfeito nessa viagem que eu não me canso de reviver cada momento em minha memória.

O convite foi a primeira surpresa. Eu pensava que ficaríamos pelo menos duas semanas sem nos vermos porque ele está bastante focado na escrita de seu novo livro. Eu vinha me preparando psicologicamente para isso, porque eu sei o quanto a saudade dele tiraria sarro da minha sanidade, mas nem nos meus melhores sonhos eu poderia imaginar o que ele havia preparado pra gente. Foi um fim de semana para matar de inveja qualquer filme de comédia romântica. É incrível perceber que quando estamos apaixonados parece que as engrenagens do mundo

se colocam a rodar, o céu sorri em diferentes tons de azul e a gente tem vontade de cumprimentar cada uma das pessoas que cruza por nós na rua. Naquele *camping*, longe do caos da cidade, dos nossos amigos e do trabalho, tudo o que tínhamos era um ao outro e nos entregamos como se nada mais importasse. Passávamos o dia inteiro na praia e quando íamos ao restaurante, o único lugar onde o sinal do celular pegava, ele respondia alguns e-mails enquanto eu mandava notícias à Vanessa sobre a lua de mel que estávamos vivendo (na minha cabeça).

Há cerca de quatro meses, desde quando eu o conheci, ele tem revirado a minha vida. É impossível colocar todas suas qualidades no papel, ele é melhor que qualquer fantasia. Pra ser sincera, ele é bom demais pra ser verdade, porque preenche todos os meus pré-requisitos: é bem-sucedido por mérito próprio, é engraçado de um jeitão sarcástico, bastante educado, fala três línguas, toca piano (quem não tem queda por músicos que atire a primeira pedra!), tem 27 anos e um charme difícil de descrever.

No dia em que nos conhecemos, assim que eu o vi na fila da lista de espera do restaurante, pensei: *Eu me casaria com este homem agora!* Então dei um jeito de me aproximar para que ele me notasse, e ele caiu como um patinho: logo começou a puxar assunto comigo. No fim das contas, dispensamos nossos amigos e passamos a noite juntos. Foi como um encontro às cegas que não havia sido planejado. Poderia ter sido um grande fiasco se não tivéssemos uma conexão inexplicável. Eu fiquei encantada com a sua beleza enquanto nem sequer havíamos nos apresentado. Depois que o conheci melhor, percebi que ele era mais lindo ainda por dentro. O papo entre nós flui por madrugadas inteiras. Eu amo o jeito como ele me ouve. Ele me dá toda sua atenção e isso faz com que eu me sinta importante. Às vezes prolongo a conversa com algumas bobagens até mais do que devia porque, na verdade, amo perceber que ele não tira os olhos de mim. Eu amo a forma como ele fala de mim. É como

se ele me visse melhor do que eu realmente sou. Ou talvez ele tenha me tornado melhor do que eu sou. Eu amo que ele se veja em mim. Eu amo que ele queira fazer parte da minha vida. Eu amo nosso silêncio e tudo que tenho aprendido sobre mim mesma quando estou ao lado dele. Talvez isso soe como um exagero, eu entendo. É sinal de que estou transbordando.

Eu já estou cansada de saber que os primeiros meses são o paraíso na Terra, tudo são flores e até os defeitos da pessoa a gente acha engraçadinhos. É a fase do encanto, em que uma mera mensagem de “bom dia” faz o coração disparar, em que passamos o dia inteiro naquele flerte pela internet, enviando memes um ao outro e falando sobre o quanto queríamos estar juntos. Mas tenho que admitir que essa fase é muito gostosa! A intimidade que tenho com ele em tão pouco tempo por causa da troca de mensagens é maior do que jamais tive com qualquer outro com quem convivi. Mas confesso que eu me contenho na frente dele porque não quero que ele perceba que já estou tão envolvida. Minha intensidade já assustou muitos homens. Ou talvez foi culpa das expectativas que eu criava. Ou as duas coisas.

Muitas vezes, eu só queria entender o que tínhamos (se era namoro, um rolo ou um lance), mas o sujeito pensava que eu estava cobrando uma atitude dele. Não era minha intenção cobrar nada, mas se por acaso essa conversa nos levasse a ter que decidir se era um relacionamento sério ou não, que problema há nisso? Depois de um tempo (e de quebrar muito a cara), eu percebi que tinha que mudar minha abordagem. Minhas amigas me diziam que eu ia com muita sede ao pote e, assim, todos os caras iriam se afastar.

Meus relacionamentos (se é que eu posso chamar assim) duravam mais se eu bancasse a Garota Legal. Aquela que está solteira por escolha própria, que é amiga de todos os ex, que não pega no pé do parceiro, não faz drama e parece que nun-

ca sofreu por amor. Já nem conto nos dedos quantas vezes eu já vi o fulano de quem eu gostava pegando outra garota bem na minha frente e esbocei um sorriso como se não fosse nada enquanto meu coração sangrava. O problema é que eu nunca conseguia sustentar o disfarce por muito tempo. Eu me colocava em tantas situações desconfortáveis que, cedo ou tarde, a minha máscara caía. Eu revelava meu verdadeiro eu quando estava em meu pior estado: machucada e vulnerável (e possivelmente bêbada e humilhada). Então eles se sentiam pressionados e me davam um pé na bunda. Simples assim. O pior de tudo não era me sentir insuficiente, mas ser rejeitada, sabe?

Onde está a vantagem de não dizer as suas verdadeiras intenções? Sério. Veja bem, se eu finjo para o sujeito de quem estou a fim que eu não quero ter um relacionamento sério e ele concorda comigo, o melhor que pode acontecer é ele não ter um relacionamento sério comigo. Então, se eu digo a verdade e ele foge, vá com Deus! Ele definitivamente não é a pessoa certa para mim, afinal, ele não quer o mesmo que eu. A questão é que antigamente nem eu admitia o que queria. Eu estava me boicotando, iniciando relacionamentos que nunca se tornariam o que eu buscava porque, no fundo, eu ainda trazia no peito os mesmos medos que eu tinha na adolescência. A falta de coragem de me declarar nada mais era do que o medo da rejeição, de descobrir (mais uma vez) que estava apaixonada pelo que eu inventei. Hoje em dia eu prefiro esclarecer isso de uma vez para não perder meu tempo investindo na pessoa errada.

O que eu ainda não sei até hoje é qual é a hora certa para ter *A Conversa* sobre as intenções de cada um. Aliás, existe uma hora certa? Porque quatro meses me parece tempo suficiente para uma pessoa saber se quer ou não ter um relacionamento sério com alguém que está saindo. Porque eu sei, pelo menos. Porque eu soube, pra ser sincera, assim que o vi. Com

o tempo apenas confirmei minha suspeita. Mas obviamente eu não quero que ele pense que estou lhe cobrando alguma coisa. Eu não quero que ele desista de mim sem me conhecer de verdade. Eu só quero saber se ele me vê como eu o vejo, ou melhor, se olhamos para a mesma direção. Eu não quero forçar nada a acontecer, sabe? Mas eu espero que não demore muito para que a ficha dele caia que não podemos “ficar ficando” para sempre. Uma hora assume ou aparta. Apesar de que, depois dessa viagem, arrisco dizer que as coisas estão se encaminhando para direções melhores do que eu esperava.

Parece que o jogo, finalmente, está virando ao meu favor.

